

## Dos Prejuízos Morais do Carnaval

Falando-vos na véspera do Carnaval, quando o barrete da graciosa figura simbólica de nossa república vai ser trocado pela bizarra coroa de papelão do obeso e prosaico rei momo, e nossa Pátria, com desdouro de suas virtudes tradicionais, transformar-se, para gáudio dos epicuristas estrangeiros e regozijo dos sibaritas nacionais, na mais estrepitosa bacanal do mundo civilizado, afigura-se-me de palpitante oportunidade tecer algumas considerações acerca do pandemônio, que se avizinha, precedido pelo ritmo concupiscente das marchas carnavalescas.

Devo ressaltar, desde logo, que não venho a este microfone, agora que já se me encaneceram os cabelos, com o puritanismo hipócrita de certas marafonas, que, depois de longa vida de degradação, no tálamo de Afrodite, se escandalizam com o idílio platônico, ou se ruborizam à mais leve alusão a atos naturais entre criaturas que se amam. Não. Minha repulsa ao carnaval é instintiva, porque meu espírito sempre repeliu o contato com a degradação. Muito jovem ainda, quando cursava a faculdade, encafuava-me, voluntariamente, num hospital de isolamento, os três dias de carnaval, dando plantão para colegas folgozões. E, nesse tempo,

eu não tinha religião. A ojeriza à devassidão é ingênita, portanto, à própria estrutura de meu caráter: — independente das convicções filosóficas, que me norteiam a vida atualmente.

Todavia, depois que o Espiritismo me revelou a existência do mundo invisível, que nos cerca, participando de nossa vida psíquica e interferindo em nossas ações, de acordo com os nossos sentimentos, é claro que passei a ter uma noção muito mais perfeita de quanto são prejudiciais os folguedos carnavalescos, e só pude louvar a Deus por minha aversão ao Carnaval.

Não vades supor, no entanto, prezados ouvintes, que o Espiritismo condene as diversões, nem que imponha aos seus sectários o dever de isolarem-se da comunidade, para viverem como eremitas, em inacessíveis tugúrios... A alegria faz parte da higiene da alma. E o Espiritismo, que dá tanto conforto moral, pela maravilhosa concepção que possui a respeito da bondade do Criador e da justiça com que conduz o homem à perfeição e à felicidade, jamais poderia reprovar qualquer forma de diversão, a menos que seja prejudicial à moral, ou à evolução espiritual.

Ora, o Carnaval, não obstante a decência com que algumas pessoas se divertem, é, incontestavelmente, uma festa consagrada à luxúria, às libações alcoólicas e à degradação moral. E quem viu as fotografias publicadas o ano passado não pode duvidar de que a depravação atingiu ao auge e que, se não se der cobro a essa libidinagem desenfreada, que impera durante o criminoso reinado de Momo, terríveis conseqüências poderão advir para o futuro de nossa Pátria. Se se fizer o cômputo dos lares que se desabam, das virgens que se defloram, dos jovens que se viciam, dos crimes que se cometem, das economias que se malbaratam e

dos desajustes sociais resultantes dessa calamitosa orgia descaimada, ver-se-á que o descalabro é muito mais grave do que poderia parecer num exame perfunctório.

Deixo, contudo, aos sociólogos e aos economistas a urgente tarefa de empreenderem o levantamento dos distúrbios sociais e dos desequilíbrios econômicos causados ao país pelo anacrônico festim anticristão. A mim só me interessa, no momento, o aspecto espiritual da questão. Por isso mesmo, é a vós, espíritas que me ouvis, que me dirijo hoje, com o intuito de vos alertar sobre fatos que conheceis, mas que nem sempre levais a sério, quando vos envolve o torvelinho da psicose coletiva, desencadeada pela volúpia e pela ânsia de esquecer, na vertigem da libidinagem e no delíquio da embriaguez, as dores excruciantes das provações terrenas!...

Como sabeis, prezados confrades, os Espíritos, quer se encontrem encarnados, aqui na Terra, quer se encontrem desencarnados, nos diversos planos espirituais, congregam-se, sempre, de acordo com a afinidade espiritual, isto é, em harmonia com um denominador comum de virtudes ou de vícios. Os bons, mutuamente se atraem, da mesma forma que os maus se reúnem. O homem virtuoso não só procura a convivência de homens virtuosos, como ainda vive cercado de Espíritos virtuosos — seja qual for sua religião. Do mesmo modo, o homem degradado só se sente bem em companhia de criaturas pervertidas; e pervertidos são, também, os Espíritos que os assistem.

Nessas condições, quando um indivíduo virtuoso procura, voluntariamente, um meio de degradação para distrair-se, não pode queixar-se se, em virtude dessa leviandade, adquirir a assistência de algum Espírito atrasado, dentre os muitos que perambulavam, desorientados e sedentos de sen-

sações corporais, no ambiente em que ele imprudentemente, procurara distração. E o resultado dessa lastimável assistência espiritual é, quase sempre, desastroso; porque pode levar ao fracasso um indivíduo virtuoso, obrigando-o, mais tarde, a encarnações muito penosas, com a finalidade de ajudar o soerguimento moral do Espírito atrasado que dele se aproximou, quando, contra os ensinamentos da Doutrina, buscou alegria num ambiente incompatível com suas qualidades morais!

Como se vê, por causa de um prazer efêmero, o imprudente pode adquirir a convivência de um Espírito degradado, cuja regeneração lhe custará um preço muito elevado: — uma, ou mais encarnações, de ingentes sacrifícios, em prol da elevação moral de um irmão que não estava em sua rota evolutiva, mas que, por displicência, atraiu levemente, para junto de si!

Sabendo disso, o espírita tem o dever de evitar os ambientes onde dominam os baixos instintos, mal disfarçados sob a máscara que cobre os rostos, ou, mesmo, sem disfarce nenhum, no mais cínico exibicionismo de deslavado impudor, como é comum em certos antros carnavalescos!

Na rua, de resto, o ambiente espiritual não é melhor: a deformação do aspecto corporal, pelas máscaras e fantasias, conjugada com os mais rasteiros sentimentos, forma perigosa atmosfera psíquica, em virtude do avultado número de Espíritos inferiores que são atraídos para a Terra pelos desejos inconfessáveis das multidões sequiosas de prazer. O álcool e o éter, condensados no ar, juntamente com as fantasias de indígenas e de africanos, constituem perigoso ambiente de atração para Espíritos atrasadíssimos, originários das selvas brasileiras e africanas, ou, mesmo, das macumbas de nossas favelas. E o resultado é que graves alterações sur-

gem a cada passo, acompanhadas de traiçoeiras navalhadas e de balaços atirados a esmo, com sacrifício, muita vez, de vítimas inocentes. Depois, para os que ignoram as leis espirituais, que regem o intercâmbio do mundo invisível com o nosso, tudo foi obra do álcool...

O pior, porém, é o pesado tributo que as crianças pagam pela ignorância, ou pela inferioridade de sentimentos dos adultos. E foi sobretudo pensando nelas que deliberei apelar para vós. Não leveis, meus amigos, vossos inocentes filhinhos para o meio da multidão delirante de paixões descontroladas. Os Espíritos que lá adejam, como corvos à cata de carniça, são temíveis, e, dentre as desgraças que lhes poderão acontecer, está a morte rápida, por processo infectuoso galopante, que nenhum medicamento salvará, por falta de defesa orgânica, em virtude de ter havido grande perda de fluido do perispírito, onde se ocultam as mais preciosas energias vitais de que carecem os órgãos, em geral, e o sistema nervoso em particular. E — lembrai-vos bem, meus caros confrades, — se vosso filho desencarnar porque Espíritos inferiores lhe raptaram fluidos indispensáveis à vida; e se vos coube a responsabilidade nisso, muito caro vos custará tamanha imprudência, de vez que, perante Deus, não podereis justificar vossa falta, alegando ignorância.

Evitai, outrossim, que vossos filhos se fantasiem de tudo o que possa contribuir para atrair, para junto deles, Espíritos perturbados. O pensamento, como sabeis, é uma força poderosíssima. A criança, muito mais que o adulto, ao fantasiar-se, vive, mentalmente, o papel que encarnou. Se se fantasiou, por exemplo, de mocinho, logo pensa nos bandidos; e bandidos há em quantidade na vida espiritual, e, muitos deles, ansiosos por encontrarem médiuns cujos sentimentos se afinem com os seus. Também de pirata, não se deve

fantasiar uma criança — pois ladrões do mar sempre os houve e ainda os há, agora, mais disfarçados, é verdade, porém bastante perigosos ainda. E não é interessante que, pelo pensamento inocente de uma criança, reforçado com os pensamentos de todos os que a vêem fantasiada, venha a pobrezinha a sofrer desagradáveis conseqüências, tornando-se endiabrada, sob a atuação de Espíritos maléficos.

Da mesma forma, é muito perigoso fantasiar uma criança de índio, com arco e flecha e tudo, porque o mínimo que pode acontecer é que irresistível tentação a leve a flechar um companheiro. E nem sempre as conseqüências são proporcionais à desprezível agressividade da arma empregada. Muitas vezes, a vítima da flechada perde um olho, ou sofre ferimentos imprevisíveis, sem que os peritos em balística possam compreender a origem da misteriosa força que impulsionou a leve flecha, desferida por frágeis músculos infantis...

Em síntese, a fim de evitar des inesperados dissabores, prezados confrades, escolhei as fantasias para vossos filhos como quem tem noções verdadeiras sobre o mecanismo de intercâmbio psíquico entre o nosso, e o mundo dos Espíritos. Uma fantasia de fada, por exemplo, que representa um Espírito bom, protetor das crianças obedientes, nenhum prejuízo poderá causar à mocinha que a escolher. De modo idêntico, fantasias de professor, ou de médico, ou de pescador, etc. podem ser usadas, sem inconveniente algum, pelos jovens, assim como a fantasia de “anjo” ou de “cupido” não acarretam quaisquer malefícios às crianças que as usarem. Se quiserdes, pois, participar dos folguedos carnavalescos, escolhei ambientes familiares em que os sentimentos estejam de acordo com os vossos, e evitai as fantasias. Sobre tudo, repeli a máscara, porque um espírita não comete nenhu-

ma ação que deva ocultar, sob pena de degradar-se perante sua própria consciência, que é a pior forma de degradação. Afastai, também, vossos filhos do espetáculo de devassidão das ruas e dos clubes! Promovei, para eles, uma festinha nos vossos próprios lares, ou nos lares de vossos amigos, onde, além da alegria possa haver, também, a presença dos bons Espíritos e a graça de Deus!